

## UMA MULHER À MARGEM: FRAGMENTAÇÃO E MELANCOLIA EM LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Elisangela Marcos Sedlmaier (UFPB)<sup>1</sup>

Hermano de França Rodrigues (UFPB)<sup>2</sup>

As prostitutas, desde o alvorecer do cristianismo, sucumbem ante o repúdio e o escárnio de uma sociedade conservadora, que as enxerga, ainda, como seres abjetos e denegerados. Encontramos na literatura uma vasta coleção de títulos, nos quais as vidas das prostitutas são descritas. Na cartografia da literatura brasileira, *Lucíola* (1862), pode nos auxiliar a problematizar, desconstruir e elucidar, este corpo prostituído e feminino que, tantas vezes, se encontrou dilacerado pelas vilasões externas e internas. O objetivo, deste modo, é mapear e detectar as diversas motivações que transformam corpos belos e desejados em corpos vazios, que trazem, por fim, a marca da melancolia e da fragilidade do feminino impressa na articulação com sua vida psíquica.

**Palavras-chave:** Literatura; Psicanálise; Prostituta; Melancolia.

O livro *Lucíola*, datado do século XIX, encontra-se no rol dos romances do escritor José de Alencar. Fazendo uma análise a partir de seus escritos, podemos dividir as obras alencarianas em quatro grupos temáticos, sendo eles: os romances indianistas, onde encontramos os livros *Iracema* (1865), *Guarani* (1857), *Ubirajara* (1874). No segundo grupo, encontramos os romances históricos, com *As Minas de Prata* (1862), *A Guerra dos Mascates* (1873), o terceiro nasce da vivência nas grandes cidades, e estes são chamados de romances urbanos, dentre eles podemos citar, *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), e *A pata da gazela* (1870), e o quarto grupo temos os chamados romances regionalistas, com as obras *O Gaúcho* (1870), *O tronco do Ipê* (1871) e *Til* (1872).


Nos romances urbanos, onde se encontra o livro *Lucíola*, objeto deste estudo, Alencar se propõe a revelar as transformações dos padrões comportamentais e sociais deste momento histórico, leia-se, o segundo império, onde os costumes elitistas e o preconceito foram elementos fundantes em sua escrita.

A história de *Lucíola* é narrada em primeira pessoa por Paulo, jovem que deixou o interior para tentar a vida na capital, e que se tornaria o grande amor e “salvador” de Lúcia. A narrativa oferta-nos uma riqueza de detalhes sobre as ruas e os costumes de uma elite carioca. Todavia, central para nossos objetivos, é o fato da história de Lúcia

---

<sup>1</sup> Aluna de pós-graduação (mestranda) em Letras da Universidade Federal da Paraíba. Email: elisangela.sedlmaier@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor dos cursos de graduação e pós-graduação de Letras da Universidade Federal da Paraíba. Email: hermanorg@gmail.com



ser marcada por diversos percalços que a levam a trilhar o caminho da prostituição. Importante, neste caso, realizarmos alguns esclarecimentos a fim de mostrar um pouco da trajetória dessa personagem.


Nossa personagem tem como nome de “batismo” Maria da Glória, sua verdadeira e inicial história é narrada por ela quase no final do livro. Ela, uma menina, se viu sozinha com toda sua família sofrendo de uma enfermidade que dizimou muitos na época, a febre amarela: “uma menina de 14 anos para tratar de seis doentes graves e achar recursos onde os não havia. Não sei como não enlouqueci” (ALENCAR, 2009, p.128). Aqui começa o seu calvário, já sem esperança fora para a rua pedir dinheiro; usaremos o fragmento do livro para relatar o ato de tamanha barbárie por parte do vizinho (Couto) e o total desamparo da personagem:

Passou um vizinho. Falei-lhe; ele me consolou e disse-me que o acompanhasse à sua casa. A inocência e a dor me cegavam: acompanhei-o. [...] Ele tirou do bolso algumas moedas de ouro, sobre as quais me precipitei, pedindo-lhe de joelhos que mas desse para salvar minha mãe; mas senti os seus lábios que me tocavam, e fugi. Oh! Não posso contar-lhe que luta foi a minha: três vezes corri espavorida até à casa. E diante daquela agonia sentia renascer a coragem, e voltava. Não sabia o que queria esse homem; ignorava então o que é honra e a virtude da mulher; o que se revoltava em mim era o pudor ofendido. Desde os meus véus se despedaçaram, cuidei que morria, não sentia nada mais, nada, senão o contato frio das moedas de ouro que eu cerrava na minha mão crispado. O meu pensamento estava junto do leito de dor, onde gemia tudo o que eu amava neste mundo. (ALENCAR, 2009, p.128)

No excerto acima, bastante comovente, percebemos que a então inocente menina fora transformada forçosamente em mulher, pelo vizinho sem escrúpulos, que usou a necessidade imediata de Maria da Glória para satisfazer seus desejos. Essa violência reverberou por toda a vida da personagem que, a partir deste momento, sentiria o asco e a dor do ato.

Maria utilizou o dinheiro para o tratamento de sua família, dois irmãos não sobreviveram e, quando o pai indagou como ela tinha consigo o dinheiro, ela contou, ele cego de fúria a mandou embora de casa, como observamos nos dizeres da personagem: “Contei-lhe tudo; tudo que eu sabia na minha inocência. Ele compreendeu o resto. Expulsou-me” (ALENCAR, 2009, p.129).

Nesse momento, Maria da Glória se encontrava em total desamparo, físico e psíquico, e, desta forma, fragilizada e à margem, vagou buscando solução, mas a única



porta aberta encontrada foi na prostituição. No desenrolar da trama, Maria da Glória já trabalhando como cortesã<sup>3</sup>, perde sua única amiga, que também comungava da mesma profissão, e ela, Maria da Glória, para não mais envergonhar a família de ter uma filha prostituta, troca as identidades, e assim nasce Lúcia, uma das cortesãs mais bonitas e mais solicitadas do Rio de Janeiro.

Lúcia exercia o trabalho que a vida lhe impôs, no entanto ela era invadida de sentimentos esmagadores e conflitos internos, mas que também advinham do externo, todos provenientes a função que exercia. Esses conflitos estão relacionados diretamente com a postura social que regia o século XIX; onde o patriarcalismo era preponderante e o lugar alocado para mulher figurava entre o privado e familiar, assim uma mulher cortesã, ainda que inspirasse os maiores desejos, estava relegada à margem, impingida pelo preconceito e pelo escárnio social e que tantas vezes compartilhada pelo próprio indivíduo que se encontrava imerso nesta situação, no caso Lúcia.

Notamos que esses conflitos e sentimentos, que abarcaremos posteriormente, são fios condutores de toda a obra, além de demonstrar que algumas destas agitações e preconceitos eram elementos constituintes do social e estavam arreigados nos próprios personagens, sendo assim, transpassavam o social e irradiavam para uma briga interna do indivíduo com ele próprio.


Um dos preconceitos vigentes na época e descrito no livro, está relacionado diretamente ao lugar da mulher na sociedade, mais específico o lugar da prostituta, sendo assim, nossa personagem está colocada em um lugar que não inspira respeito e confiabilidade pelos pares. Notamos no fragmento que Paulo, narrador do livro, observou Lúcia pela primeira vez, ele perguntou a Sá, homem da elite carioca, sobre a moça que, já no primeiro olhar o fascinou, mas Sá neste primeiro momento esclarece o lugar de Lúcia na sociedade, destituindo-a o pronome, senhora, formalmente demandada as “boas-meninas”<sup>4</sup>, ou as de família, e a colocando somente no lugar de uma mulher, “uma mulher bonita”:

-Quem é esta senhora? Perguntei a Sá. A resposta foi um sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que

---

<sup>3</sup> Utilizaremos os termos: cortesã e prostituta como sinônimos, priorizando muitas vezes o termo cortesã, pois essa era a forma utilizada pelo autor, além de ser um vocabulário mais específico para época.

<sup>4</sup> Nick Roberts, no livro *As prostitutas na História* (1998), relata sobre as formas dicotômicas e categóricas entre a mulher/esposa, que são as mulheres consideradas de “família” e de respeito, e as “outras” onde encontramos as prostitutas; Roberts(1998) nomeia esta dicotomia entre as mulheres de boa-menina, para as de respeito, e a má-menina, para o restante e principalmente para as prostitutas.



desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sócias.

- Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?...

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade. (ALENCAR, 2009, p.9)


O preconceito se dá primeiramente de forma sutil, apenas pela retirada de uma expressão, de um pronome de tratamento, mas que no dia a dia se fazia de forma clara e tantas vezes opressiva. Essas “sutilezas” reverberaram diretamente na vida de Lúcia, onde ela se sentia impingida pelos olhares dotados de preconceito, mas que também estava incrustado nela, que corroborava com os ideários sociais que seu trabalho era um ato pernicioso e pecaminoso. E mesmo encontrando-se solapada internamente ela vestia o papel da boa atriz, aparentando sua presença sempre festiva nos jantares e bailes, embora este estereótipo não conjugasse a verdadeira mulher que se escondia por trás daquela *Dama das Camélias*<sup>5</sup>.

Essa mulher que socialmente se escondia por trás de vestes vermelhas, pretas e elegantes demonstrava-se forte e imponente diante da “plateia”. Lúcia utilizava seu corpo, o colocando à disposição dos olhares e desejos alheios, mas por entre os tecidos do seu íntimo vivia devastada, fragmentada. Neste ponto, podemos concentrar nossos olhares aos sofrimentos e sentimentos que transpassava o sujeito Lúcia, e para isso buscaremos na teoria psicanalítica uma forma de melhor compreender esse indivíduo, através desse corpo, como o lugar de inscrição do psíquico e do somático.

Para a psicanalista Fernandes, que, ao voltar-se para o estudo do corpo, assegura que muitos dos nossos problemas internos e subjetivos ecoam no corpóreo: “o corpo toma a frente da cena, constituindo-se como fonte de sofrimento, de frustração, de insatisfação, de impedimento à potencia fálico-narcísica” (FERNANDES, 2011, p.21); e remetendo esse corpo nesta complexa relação que integra tanto a psique como o corpo que narra os acontecimentos, defrontamo-nos com uma mulher, cujo corpo ressoa os timbres soturnos do luto e da melancolia.

---

<sup>5</sup> O livro *A Dama da Camélias* de Alexandre Dumas Filho, tem uma história muito parecida com o livro de Alencar, o que lhe rendeu a acusação de plágio. Encontramos a ficção dentro da ficção, já que o livro de Dumas era o “livro de cabeceira” de Lúcia e foi mencionado por ela várias vezes na narrativa.




Para entender estes vestígios melancólicos de Lúcia nos pautaremos em Freud [1917], especificamente no seu artigo *Luto e melancolia*, onde nos colocam a par do sentimento de perda e de sua relação com a dor de existir, num confronto onde as similitudes e diferenças entre os fenômenos são cuidadosamente apresentadas. Vejamos:

O luto, via de regra, é a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela, como à pátria, a liberdade, um ideal, etc. [...] A melancolia se caracteriza psiquicamente por um desânimo profundamente doloroso, por uma suspensão do interesse pelo mundo externo, pela perda da capacidade de amar, pela inibição da capacidade para realização [*Leistung*] e pelo rebaixamento da autoestima [*Selbstgefühl*], que se expressa em autorrecriminações e autoinsultos, até atingir a expectativa delirante de punição. (FREUD, [1917], 2016, p.100)

Quando Freud descreveu o luto, ele o situou como evento natural, derivado da perda de um objeto, admitida, conscientemente, pelo teste de realidade; já a melancolia põe em evidência a perda de um objeto amado, ideal, que escapa à própria compreensão consciente do enfermo.

Lúcia silenciou Maria da Glória. Ela sabia o que havia perdido, a família, a inocência, uma vida que se desfez, inaugurando, assim, outra que a contemplava monetariamente, mas que a marcava por vazios, fendas. Com efeito, a personagem como forma de punição, já que acalentava os preceitos e os preconceitos da época sobre o que é ser uma cortesã, colocou então seu corpo como objeto de sofreguidão, sendo seu próprio algoz, acoimando-se através do seu corpo. Neste ponto, podemos estabelecer uma conexão com uma das teses de Calligaris sobre a prostituição.

A psicanalista Eliane Calligaris (2006) detalhou, em seu livro, três possíveis formas de prostituição. A primeira, considerada uma prostituição fundante, não está relacionada diretamente com o comércio do corpo, e, sim, com a forma subjetiva com que este corpo feminino consegue se colocar no mundo, de forma desejante. Sua segunda constatação é a prostituição como violência. Aqui, a mulher dispõe do seu corpo de forma punitiva, ou ainda no dizeres da autora (2006, p.48) “a prostituição [...] aparece como a atuação direta do que se repete desde o começo em sua vida: a violência paterna nunca ultrapassada”. Assim esta mulher se castiga, no entanto, neste movimento observamos uma dicotomia, pois, ao mesmo tempo em que coloca seu corpo como forma de punição, este mesmo corpo também é colocado como forma de se fortalecer através do sofrimento. Na terceira hipótese é quando estas meninas, futuras mulheres,




não encontram outra solução, garotas em situações de vulnerabilidade, muitas vezes desamparadas pelas famílias, e que encontram na rua a sua única possibilidade de vida.

Podemos pensar em Lúcia congregando a segunda, mas também a terceira hipótese, quando ela desamparada e solitária, foi alocada no mundo da prostituição, e de maneira lancinante usufrui do seu corpo como forma de autopunição, já que o seu trabalho despertava em muitos e nela própria, sentimentos negativos e de inferioridade, mas também, utilizava este corpo como forma de “endurecer-se”, de fortificar-se, mesmo que este posicionamento estivesse escamoteando parte de sua subjetividade. E constituindo-se desses sentimentos Lúcia foi fragmentando-se, moldurando-se melancolicamente. Podemos constatar esta dualidade no fragmento do livro, onde Lúcia explicita sua dor, seus ímpetos, o desprezo que sentia pelo seu corpo, pela sua sexualidade, pelo lugar que ocupava enquanto sujeito da fala:

Aquele esquecimento profundo, aquela alheação absoluta do espírito, que eu sentia da primeira vez, continuou sempre. Era a tal ponto que depois não me lembrava de coisa alguma; fazia-se como uma interrupção, um vácuo na minha vida. No momento em que uma palavra me chamava ao meu papel, insensivelmente, pela força do hábito, eu me esquivava, separava-me de mim mesmo, e fugia deixando no meu lugar outra mulher, a cortesã sem pudor e sem consciência, que eu desprezava, como uma coisa sórdida e abjeta. Mas horrível era quando nos braços de um homem este corpo sem alma despertava pelos sentidos. Oh! Ninguém pode imaginar! Queria resistir e não podia! Queria matar-me trucidando a carne rebelde! Tinha instintos de fera! Era uma raiva e desespero, que me davam ímpeto de estrangular o meu algoz. Passado esse suplício restava uma vaga sensação de dor e um rancor profundo pelo ente miserável que me arrancara o prazer das entranhas convulsas! (ALENCAR, 2009, p.131)

Observamos que Lúcia fora buscando formas de se colocar como sujeito, entre as faltas, perdas e traumas, equilibrando-se num dualismo de angústia e prazer. Tais oscilações, marcas de um mal-estar interno, denunciam as fragilidades de um corpo e de uma alma severamente atormentados. O corolário é uma agressividade contra o outro e contra si mesma, uma subjetividade amortecida em autocondenações, autocríticas, que a conduzem a estados de desânimos e apatia.

Com isso, podemos acrescentar o pensamento de Freud, quando o mestre vienense descreve que na melancolia encontramos o mal-estar do Eu, a humilhação, a inferioridade:



um grandioso empobrecimento do Eu. [...] O doente nos descreve seu Eu como indigno, incapaz e moralmente desprezível; ele se recrimina, insulta-se e espera ser rejeitado e castigado. Ele se humilha diante de qualquer pessoa e sente pesar por seus familiares estarem ligados a uma pessoa tão indigna ( FREUD, [1917],2016, p.10-103)


Assim era como Lúcia se percebia, um ser ignóbil, que no seu íntimo se sentia merecedora de todas as vilipêndias que as disparassem, diante disso, escondeu socialmente Maria da Glória, para não envergonhar sua família. E através desta profusão de sentimentos que a invadia foi-se fragmentando, esvaindo-se. Lúcia sabia que a única forma de estancar esse corolário de sofrimentos que acalentava em seu corpo e em sua alma era abandonar a prostituição. Nossa personagem, já com 5 anos de “infâmia”, de acordo com suas palavras, repassando sua rápida, mas dolorosa história, diz que poderia ver cada um de sua família a deixando, mas não seria novamente o “cordeiro”, e relata que, “ não teria coragem de profanar a castidade de minha alma. Não sei o que sou, sei que começo a viver, que ressuscitei agora.” ( ALENCAR, 2009, p.132). Lúcia, assim, abandona seu ofício e busca se reconstruir, a partir do ponto fraturado, do momento que a ingênua Maria da Glória perde seu status de menina e passa a mulher.

Neste ponto da narrativa Lúcia deixa sua vida de “profanação”, vira a página, busca um retorno ao passado, busca aquela Maria da Glória soterrada sob os escombros da realidade vivida como cortesã por 5 anos. Começou se desfazendo da vida de luxo, e buscou através e na simplicidade a menina escamoteada, que esperava para novamente desabrochar, como nos descreve o fragmento abaixo, com a “voz” de Lúcia e o “olhar” de Paulo:

Amanhã mudo-me. Venha-me buscar ao romper do dia. Desejo... careço de entrar apoiada ao seu braço na casa onde vou viver a minha nova existência. Achei-a pronta e esperando-me; os vestígios da comoção violenta que haviam produzido as margas recordações, desapareciam sob a plácida serenidade que reslumbrava de sua alma e dava à beleza uma suave limpidez. [...]. Os cômodos eram suficientes para duas pessoas; Lúcia devia morar com sua irmã, que ia sair do colégio. (ALENCAR, 2009, p.132)

A partir de agora Lúcia passa a viver somente nas recordações, e ressurge a menina Maria da Glória, que “parecia realmente que sua alma cândida, muito tempo adormecida na crisália, acordara por fim, e continuara a mocidade interrompida por um longo e profundo letargo” (ANDRADE, 2009, p.136). A menina-moça-mulher de então






19 anos, mudou-se para sua nova casa, onde, junto às brincadeiras com a irmã, que ela sustentara todo esse tempo em colégios internos e que era o único membro vivo da sua família, e entre as costuras e artesanatos preenchia seu tempo, e assim, resgatava a vida da menina de modos simples e alvos trajés, não mais se lembrando das extravagâncias vividas outrora.

Nossa personagem pouco tempo teve para vivenciar tudo o que outrora sonhara. Sua vida recolhida junto a sua irmã e na companhia constante de Paulo sofrera uma nova reviravolta. Neste período Maria da Glória tentava soterrar, pelo menos carnalmente, seu amor por Paulo, o narrador e personagem, que vivenciou com Lúcia um conturbado relacionamento quando ela ainda era cortesã, mas que se manteve junto a ela, ora como amante, ora como amigo. O amor que Lúcia sentia por Paulo também foi um dos motivos que a incentivaram a deixar o meretrício, pelo menos é o que podemos notar, quando encontramos no apêndice texto e contexto no livro *Lucíola*, quando é descrito que Alencar com “sua pena moralizadora busca a idealização espiritual da prostituta que quer se modificar” (ALENCAR, 2009, p.156), sendo que a modificação moralizadora neste caso aconteceria através do amor.

Mas, Maria da Glória mesmo acalentando uma vida casta, sucumbiu uma única vez, desde sua mudança de princípios, ao amor carnal por Paulo, e ao ser surpreendida pela gravidez, e concomitantemente a morte do filho gerado, através desse amor não “autorizado” por ela, sua debilitada saúde se esvaiu, mas antes tivera tempo de mostrar a Paulo seu imensurável amor, sendo esse amor um dos grandes responsáveis pela sua vontade de mudança: “Eu te amei desde o momento que te vi. [...] – Tu me purificaste unguindo-me com os teus lábios. Tu me santificaste com o teu primeiro olhar!” (ANDRADE, 2009, p.149-150). Paulo foi o único a despertar em Lúcia o amor, mas que ela negou vivê-lo intensamente, pois como cortesã ou ex-cortesã, tinha suas convicções que ela não poderia ser a esposa que o faria feliz perante a sociedade.

Sendo assim, o amor que nascera pelos olhares, com os arroubos iniciais próprios dos apaixonados, esse sobreviveu e floresceu depois com ares angelicais, mas não conseguindo perpassar os preconceitos vigentes. Paulo conheceu e vivenciou com a dualidade- Lúcia e Maria da Glória- o anjo decaído (Lúcia- a cortesã), e a “santa” (Maria da Glória), que teve sua passagem como uma estrela cadente, que brilhou por um breve momento e depois ficou apenas nas marcas indeléveis cravadas em Paulo, e esse





as traduziu como narrador desse livro, “vazei nelas toda a minha alma para lhe transmitir um perfume da sublime mulher, que passou na minha vida como sonho fugace”.(ANDRADE, 2009, p.151).

### **Considerações finais**


O livro *Lucíola*, um marco na literatura brasileira, narra a história de uma menina que para salvar sua família coloca a disposição o seu único bem, seu corpo. E como forma de subsistência nossa personagem, foi enredada para prostituição.

Sabemos que, boa parte dos livros deste momento histórico encontrava-se perpassados pela moralidade, além de funcionarem como “manuais” do que se deveria ou não fazer, principalmente para as mulheres. Com isso, Lúcia jamais poderia ser a prostituta feliz, ela somente encontraria a felicidade quando mudasse de vida e encontrasse um grande amor, Lúcia conjugou os dois, mas quis o destino e o autor que mesmo realizando as mudanças esperadas socialmente, ela não poderia vivenciar o “felizes para sempre”, como poderia uma ex cortesã sair impune, voltando o olhar somente para o externo, e ter uma vida feliz? E assim o melhor desfecho encontrado foi à morte.

Essa era a moral pertinente da época, e Alencar a traduziu nas folhas deste romance, porém neste trabalho apenas perpassamos os preconceitos, pois esses foram os provedores de grande parte das angústias de Lúcia; a prostituta que enchia os olhos alheios com sua beleza e humor, mas que na verdade se encontrava diante de um precipício, onde sobre(vivia) de dor e angústia.

Vimos que Lúcia foi colocada na prostituição a partir de uma violência, e assim ele vivenciou esta ferocidade pelo viés de seu corpo, como forma de se fortalecer com suas próprias mãos, de acordo com a tese de Calligaris (2006), mas também o traduzindo através da perda, vazão, dor, vergonha, da autocrítica e da autocomiseração, pois para ela o trabalho efetuado através do seu corpo era uma falta de respeito para com ela e com os outros. Essa conduta que Freud ([1917] 2016) chama de consciência de moralidade, onde uma parte do Eu se manifesta a partir da censura e dos movimentos de uma sociedade, no caso o preconceito com a prostituição.

Assim nossa personagem, construída por Alencar, e representando uma parcela social, foi colocada em um lugar pouco querido, e muito criticado, mas também bem



requisitado, Lúcia ou Maria da Glória nos fazem refletir sobre a subjetividade do indivíduo, entre as dores e amores que perpassam o sujeito, e como os traços melancólicos que amparavam esta mulher, advém de uma serie de fatores que estruturam a psique desta personagem, a fazendo trilhar os diversos caminhos, sendo a atriz da felicidade quando exigida, mas carregando a fragilidade o luto e a melancolia, que Lúcia vivenciou até buscar novamente em Maria da Glória a doçura e os sonhos antes adormecidos.

### **Referencias bibliográficas**

ALENCAR, José. *Lucíola*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

CALLIGARIS, Eliane. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2006.

FERNANDES, Maria H. *Corpo*. 4º ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FREUD, Sigmund. *Neurose, psicose e perversão*; tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*; tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1998.